

# O Julgamento de Jesus

(Marcos 14:53–72)

Joe Schubert

Acontecimentos que ocorreram cerca de dois mil anos atrás num país longínquo parecem estranhos e muito remotos para muitas pessoas do nosso mundo. Todavia, os acontecimentos em torno da morte de Cristo são os mais significativos de toda a história da humanidade. Cada pessoa que já viveu no mundo foi afetada, em alguma escala, por esses grandes acontecimentos. Se cremos nas Escrituras, o evento da cruz é o ponto central de toda a história. Convém, então, fazermos um estudo muito cuidadoso dos acontecimentos que a Bíblia registra como relacionados à morte do nosso Senhor.

## O QUE O SINÉDRIO FEZ (14:53–59)

Depois de Jesus ser preso do jardim do Getsêmani, Ele foi conduzido pelos soldados ao sumo sacerdote Caifás. Marcos começa a narrativa disso no versículo 53:

E levaram Jesus ao sumo sacerdote, e reuniram-se todos os principais sacerdotes, os anciãos e os escribas. Pedro seguira-o de longe até ao interior do pátio do sumo sacerdote e estava assentado entre os serventuários, aquecendo-se ao fogo (vv. 53, 54).

Observemos como Marcos apresenta a cena. O lugar da reunião era a residência do próprio sumo sacerdote. Jesus estava dentro da casa com os principais sacerdotes e os membros do Sinédrio, o supremo tribunal dos judeus. O Sinédrio era formado por setenta membros. Consistia do sumo sacerdote, Caifás, os principais sacerdotes, os professores da Lei e os anciãos. Esses membros estavam reunidos na casa de Caifás, o sumo sacerdote. Jesus estava no meio deles, enquanto bem ali, do lado de fora no pátio externo, onde podia observar tudo o que se passava, estava Pedro sentado com os guardas, aquecendo-se junto à fogueira naquela fria noite de primavera em Jerusalém.

O julgamento perante o sumo sacerdote

envolveu dois estágios. O primeiro estágio foi o depoimento das testemunhas presentes. Os versículos 55 a 59 dizem:

E os principais sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam algum testemunho contra Jesus para o condenar à morte e não achavam. Pois muitos testemunhavam falsamente contra Jesus, mas os depoimentos não eram coerentes. E, levantando-se alguns, testificavam falsamente, dizendo: Nós o ouvimos declarar: Eu destruirei este santuário edificado por mãos humanas e, em três dias, construirei outro, não por mãos humanas. Nem assim o testemunho deles era coerente.

Esse julgamento era evidentemente uma farsa, cujo resultado havia sido decidido muito antes do julgamento ser iniciado. Marcos diz sem rodeios que a razão do julgamento era que os principais sacerdotes queriam provas contra Jesus para condená-lo à morte. O julgamento era ilegal desde o princípio. Em primeiro lugar, ele foi realizado à noite, e a lei judaica prescrevia que todos os julgamentos perante o Sinédrio fossem realizados durante o dia. Em segundo lugar, ele foi realizado num local ilegal. A lei judaica prescrevia que o Sinédrio se reunisse num local específico em uma das salas do próprio templo. Essa reunião não foi nas dependências do templo e, sim, na casa do sumo sacerdote. Em terceiro lugar, a lei judaica proibia que o Sinédrio chegasse a um veredito no mesmo dia do julgamento; e, apesar disso, nesse caso, o veredito foi pronunciado imediatamente ao fim do julgamento.

Apesar de toda conivência, incluindo testemunhas falsas, o julgamento não estava indo bem para os sacerdotes. Marcos diz que, embora tenha se levantado falsos testemunhos contra Jesus, os testemunhos não eram coerentes. Os conflitos se evidenciaram à medida que uma testemunha contava uma história e esta contradizia a história de outra testemunha. Aquelas eram as melhores testemunhas que o dinheiro

poderia comprar e, ainda assim, o julgamento estava indo por água abaixo. Os sacerdotes estavam ficando inquietos e impacientes.

Finalmente, Marcos diz que alguns homens se levantaram, os quais concordavam entre si. Mateus diz que havia dois homens. No versículo 58 Marcos diz que eles disseram: “Nós o ouvimos declarar: Eu destruirei este santuário edificado por mãos humanas e, em três dias, construirei outro, não por mãos humanas”. Esse foi o ponto mais perto em que as testemunhas chegaram a concordar entre si; e foi a acusação mais estranha que poderiam levantar contra Jesus porque havia um elemento verdadeiro nela. No início do ministério de Jesus, quando Ele havia purificado o templo pela primeira vez, João registrou que Jesus havia dito aos judeus em João 2:19: “Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei”. Em dois versículos mais adiante João salienta que o templo ao qual Jesus Se referia não era o templo de pedras e tijolos que estavam vendo, mas o templo do Seu próprio corpo. Essa era uma referência antecipada à ressurreição. Além disso, nessa ocasião, Jesus não dissera: “Destruirei este templo”, como acusaram as testemunhas. O que ele disse foi: “Destruam este templo, e em três dias o reconstruirei”. Os testemunhos estavam incorretos, mas havia uma semente de verdade no que disseram.

Um autor chamado Tennyson certa vez escreveu: “Uma mentira que é totalmente mentira pode ser rebatida por completo, mas uma mentira que é parcialmente verdade é uma questão mais difícil de se rebater”. Aquelas testemunhas apresentaram uma verdade suficiente para ser difícil rebatê-la.

### **O QUE CAIFÁS FEZ (14:60–65)**

O caso contra Jesus estava realmente se desmoronando. Os sacerdotes estavam se sentindo frustrados porque, a essa altura do julgamento, estava começando a parecer que eles não conseguiriam chegar a uma base legal para emitir a sentença de morte contra Jesus. A audiência preliminar havia se prolongado por toda a noite, sem chegar a lugar algum. Finalmente, numa atitude de desespero, Caifás, que estava começando a se incomodar com a bancada de juízes, renunciou à sua função de juiz e assumiu a função do próprio promotor público. Ele colocou Jesus sob juramento e exigiu uma resposta. Marcos diz: “Levantando-se o sumo sacerdote, no meio, perguntou a Jesus: Nada respondes ao que estes

depõem contra ti? Ele, porém, guardou silêncio e nada respondeu” (vv. 60, 61a).

Centenas de anos antes disso, Isaías havia profetizado exatamente esse momento em Isaías 53:7, quando disse: “...como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca”. Jesus não tentou defender-Se das mentiras dessas testemunhas. Ele permaneceu completamente calado, e nesse silêncio Ele estava evidenciando a todos os presentes que o tipo de acusação que estavam levantando contra Ele era falso, infundado, distorcido e indigno de resposta.

O sumo sacerdote ficou atordoado com o silêncio de Jesus. Então, ele fez outra coisa que era completamente contrária à lei. Ele forçou Jesus a testemunhar contra Si mesmo. No versículo 61, Marcos diz: “És tu o Cristo, o Filho do Deus Bendito?” Essa era precisamente a pergunta que os fariseus estiveram tentando fazer Jesus responder há meses. Embora Jesus tivesse sido interrogado muitas vezes de uma forma ou de outra, Ele sempre Se recusou a responder. Até aquele momento responder tal pergunta seria prematuro. Agora, Ele responderia e ao fazê-lo Ele sabia que estava dando ao tribunal a prova de que precisavam para condená-lo à morte. Nessa ocasião, ninguém estava acusando Jesus de violar o sábado como fizeram antes. Fazia tempo que eles tinham descartado esse argumento. Ninguém, tampouco, levantou ali aquela velha crítica de que Ele estava expelindo demônios pelo poder de Satanás. Jesus já rebatera essa acusação anteriormente. Nessa ocasião durante o julgamento, eles até ignoraram a acusação da destruição do templo. Só poderiam usar uma única acusação, e Jesus prontamente entregou-a a eles. Quando Caifás interrogou Jesus diretamente: “És tu o Cristo?”, Jesus respondeu simplesmente: “Sou”.

Jesus acrescentou algumas palavras que pareciam se dirigir pessoalmente ao sumo sacerdote. Marcos diz: “E Jesus respondeu: Eu sou, e vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo com as nuvens do céu” (v. 62). Jesus estava Se referindo ao juízo final, quando todos os seres humanos aparecerão perante o trono de Deus para receber a sentença pela maneira como conduziram suas vidas. Jesus estava transferindo a idéia daquele julgamento corrupto e preconceituoso, presenciado por todos ali, para o grande tribunal de Deus nos céus. Essencialmente, Ele estava dizendo a

Caifás: “Agora, você é o juiz e eu sou o réu. Um dia, não muito depois de agora, você será o réu e eu serei o juiz”.

O registro bíblico nos versículos 63 a 65 diz:

Então, o sumo sacerdote rasgou as suas vestes e disse: Que mais necessidade temos de testemunhas? Ouvistes a blasfêmia; que vos parece? E todos o julgaram réu de morte. Puseram-se alguns a cuspir nele, a cobrir-lhe o rosto, a dar-lhe murros e a dizer-lhe: Profetiza! E os guardas o tomaram a bofetadas.

O sumo sacerdote, num gesto hipócrita, rasgou as vestes quando ouviu Jesus alegar ser o Messias. Ele rasgou as vestes num ato de suposta ira diante daquela afirmação que acabara de ouvir Jesus proferir. Mas tudo aquilo era uma dissimulação completa e total porque aquela afirmação era exatamente o que Caifás estava querendo ouvir. Ele sabia que quando Jesus fizesse esse tipo de afirmação, Sua sentença estaria selada. O sacerdote, através desse ato dissimulado, demonstrou uma falsa indignação e exigiu o veredito. Imediatamente, o Sinédrio pronunciou a sentença e condenou Jesus à morte.

Uma coisa estranha aconteceu nessa hora. Marcos diz que ao pronunciarem o veredito de morte todas as forças reprimidas que estavam contidas nesses sacerdotes, anciãos e professores da Lei parecem ter sido liberadas. Eles cometeram outro ato totalmente ilegal. Começaram a extravasar o ódio por Jesus, derramando-o sobre Ele numa forma de abuso cruel. Cuspiram nEle, o que era o pior dos insultos. Açoitaram Jesus, vendaram Seus olhos e deram-Lhe murros, dizendo: “Profetize, Jesus. Diga-nos quem bateu em você”. Assim, zombaram dEle, escarneceram dEle e O insultaram. Esse escárnio era indigno até num tribunal pagão; e um tratamento maldoso como aquele seria uma mancha vergonhosa no registro de uma cultura pagã. Que vergonhoso foi tudo isso constar no registro de Israel.

Setecentos e cinqüenta anos antes desse acontecimento, Isaías falou as palavras que Jesus tinha em mente nessa noite. Em Isaías 50:6, o profeta disse: “Ofereci as costas aos que me feriam e as faces, aos que me arrancavam os cabelos; não escondi o rosto aos que me afrontavam e me cuspiam”.

#### **O QUE PEDRO FEZ (14:66–72)**

Marcos conclui o capítulo 14 levando-nos até Pedro, quando este estava sentado no pátio externo. Ele começa no versículo 66:

Estando Pedro embaixo no pátio, veio uma das criadas do sumo sacerdote e, vendo a Pedro, que se aquecia, fixou-o e disse: Tu também estavas com Jesus, o Nazareno. Mas ele o negou, dizendo: Não o conheço, nem compreendo o que dizes. E saiu para o alpendre. [E o galo cantou.] E a criada, vendo-o, tornou a dizer aos circunstantes: Este é um deles. Mas ele outra vez o negou. E, pouco depois, os que ali estavam disseram a Pedro: Verdadeiramente, és um deles, porque também tu és galileu. Ele, porém, começou a praguejar e a jurar: Não conheço esse homem de quem falais! E logo cantou o galo pela segunda vez. Então, Pedro se lembrou da palavra que Jesus lhe dissera: Antes que duas vezes cante o galo, tu me negarás três vezes. E, caindo em si, desatou a chorar (vv. 66–72).

Às vezes, apresentamos esta história sobre Pedro de uma forma que o desabona totalmente. Na maioria das vezes nos esquecemos de incluir na história todas as atividades de Pedro naquela noite. A prisão no jardim à noite e o julgamento perante o sumo sacerdote demandaram atos de grande coragem. Pensemos novamente na prisão de Jesus no jardim do Getsêmani. Quando a turba foi prender Jesus, Pedro foi o único que tirou da espada e agiu como se fosse dar cabo de todos por causa de sua lealdade ao Mestre. Ele acabou ferindo o servo do sumo sacerdote. O senso comum diria a Pedro: “É melhor você se curvar diante disso, porque eles vão caçá-lo”. O último lugar que esperaríamos encontrar Pedro seria na residência do próprio sumo sacerdote. Mas foi exatamente para lá que ele foi. Ele seguiu Jesus e aguardou no pátio de fora, na tentativa de observar o que estava se passando dentro da casa, manifestando novamente um tipo de coragem. Ele queria ser fiel a Jesus. Pode ser muito provável que os outros apóstolos tenham debandado nessa hora. Pelo menos, Pedro é o único mencionado nos registros evangélicos.

A tribulação de Pedro naquela noite desencadeou-se com uma jovem, serva do sumo sacerdote. Talvez ela o tenha visto e reconhecido na porta, dizendo: “Você é um dos seguidores do Nazareno, não é?” Pedro, tentando livrar-se de qualquer associação com Jesus, disse: “Eu não sei do que você está falando”. Ele tentou livrar-se dela.

Somos solidários com Pedro. Realmente não era da conta dela se Pedro era ou não discípulo de Jesus. O propósito de Pedro era evidentemente observar os procedimentos desco-

nhecidos, quando topou com essa empregada curiosa, a qual estava tagarelando a todos que um dos seguidores de Jesus estava ali. Tudo o que ele queria era calar aquela moça, mas era justamente isso o que ela não estava disposta a fazer. Sendo assim, ele saiu de perto da fogueira e foi para o portão, aparentemente pensando que seria menos visível ali do que no lado de dentro do pátio aquecendo-se junto ao fogo. Contudo, mesmo assim, a aborrecida garota aproximou-se dele e continuou persistindo no assunto, aumentando seu constrangimento e desconforto. A empregada, então, virou-se para as pessoas ao redor e disse: “Este homem é um deles”. Tenho certeza de que Pedro teria fechado a boca da moça se pudesse pôr as mãos nela. Quando Pedro protestou: “Eu não sou um deles”, algo mais aconteceu. Eles ouviram seu sotaque. Notaram que ele falava como um galileu. Os galileus tinham um sotaque peculiar que era inconfundível. Naquela noite, Pedro estava em tanta evidência naquele grupo quanto um nordestino estaria no meio de um grupo de gaúchos. Quando Pedro abriu a boca e lançou o seu protesto, eles ouviram o seu dialeto. As pessoas disseram: “Ela está certa. Você deve ser um deles por causa do seu jeito de falar.” Pedro negou isso veementemente. Marcos diz que pela terceira vez ele praguejou e jurou.

O último versículo desse capítulo anuncia: “E logo cantou o galo pela segunda vez. Então, Pedro se lembrou da palavra que Jesus lhe dissera: Antes que duas vezes cante o galo, tu me negarás três vezes. E, caindo desatou a chorar”. A palavra equivalente a “desatou” no grego é muito forte. Ela retrata Pedro saindo e atirando-se ao chão em agonia e lágrimas de remorso, ao se lembrar no coração e reconhecer na alma o que fizera a Jesus. Para mim, o detalhe mais esperançoso está nessas lágrimas de Pedro. Os principais sacerdotes não derramaram nenhuma lágrima. Não há indícios de que Judas tenha chorado, embora o registro indique que ele de fato entrou em desespero e remorso ao pensar no que fizera. Pedro, porém, quando negou o Senhor, lançou-se ao chão e chorou.

Uma lição se destaca neste acontecimento sobre o fracasso de Pedro. Essa lição é que o fracasso nunca precisa ser o fim da história. Certamente foi assim com Pedro. As lágrimas de Pedro são o prenúncio de um dia que ainda estava para chegar, quando o Senhor o forta-

leceria e restauraria depois que ele aprendesse a amarga e séria lição que ele precisou aprender naquela noite. Recordemos a manhã da ressurreição, a manhã em que o anjo encontrou as mulheres junto ao sepulcro. Nessa ocasião, ele disse o seguinte àquelas mulheres quando elas perceberam que Jesus havia ressuscitado do túmulo: “Mas ide, dizei a seus discípulos e a Pedro que ele vai adiante de vós para a Galiléia; lá o vereis, como ele vos disse” (Marcos 16:7). Ainda havia esperança para Pedro.

Depois que negou a Jesus, Pedro é tirado de cena. Nada sabemos sobre o que aconteceu com ele até aquela manhã em que as mulheres chegaram com as boas novas da ressurreição. A única diferença entre a negação de Pedro e o ódio dos sacerdotes foram as lágrimas que Pedro derramou. Essas lágrimas significaram que havia uma vida capaz de ser restaurada, um fracasso que poderia ser esquecido e perdoado. O homem bom não é o que nunca peca; mas o que rapidamente se arrepende de seu pecado e busca um recomeço.

Um poeta desconhecido escreveu um poema que li pela primeira vez anos atrás. É um poema muito simples, mas a mensagem dele é boa. O título é “A Terra do Recomeço”.

Eu queria que existisse um lugar maravilhoso  
Chamado “Terra do Recomeço”  
Onde todos os nossos erros, todas as nossas  
angústias  
E toda a nossa miserável agonia egoísta  
Pudessem ser como um casaco velho e desgastado junto à porta,  
Que já caiu em desuso. Eu queria que pegássemos  
Todas as peças que não usamos mais,  
Como um caçador que encontra uma trilha perdida,  
E que aquela contra a qual a nossa cegueira cometeu  
A maior injustiça de todas  
Focasse no portão como um velho amigo à espera  
do colega a quem ele tem o maior prazer de acenar.

Foi assim o desenrolar da situação entre Pedro e Jesus. Jesus deu a Pedro a oportunidade de recomeçar, e Pedro não O decepcionou. Ele estava presente do dia de Pentecostes, o grande dia do nascimento da igreja, quando o evangelho foi pregado pela primeira vez em sua plenitude. Ele pregou a mensagem que convenceu três mil pessoas nesse dia a se tornarem membros do reino de Deus, sendo batizadas em Cristo Jesus. O nome de Pedro pontua necessariamente cada

página do livro de Atos ao ser relatada a expansão explosiva da igreja primitiva, durante os primeiros anos de sua existência. Pedro também foi o autor de dois livros do Novo Testamento. Pedro tirou uma importante lição do seu fracasso naquela noite e essa lição que ele aprendeu preparou-o para ser um dos maiores servos de Deus para o resto de sua vida.

### CONCLUSÃO

O que se aplica a Pedro pode se aplicar a você e a mim. Cometemos muitas falhas e erros. Decepcionamos o Senhor e agimos mal perante Ele mais vezes e em mais ocasiões do que somos capazes de nos lembrar, mas se reconhecermos esses pecados pelo que eles são, se nos arrependermos deles e buscarmos um recomeço com o Senhor, poderemos ser perdoados. †

---

### *Gratidão na Adversidade*

Mathew Henry, o famoso erudito, certa vez foi abordado por alguns ladrões que lhe roubaram a carteira. Em seu diário, ele escreveu o seguinte a respeito do ocorrido: “Que eu seja grato; em primeiro lugar, por nunca ter sido roubado antes; em segundo lugar, porque, embora tenham me levado tudo, não era muito; e em terceiro lugar, porque foi eu que fui roubado e não eu que roubei”.

### *“O que você está fazendo?”*

O aluno de Chafetz Chayim, saindo do

Yeshivá, foi para uma cidade distante, onde prosperou no mundo dos negócios. Alguns anos mais tarde, o famoso guru passou por essa cidade e, naturalmente, o comerciante foi visitar seu ex-professor.

“O que você está fazendo?”, perguntou curioso o rabino.

“Eu estou bem, obrigado”, respondeu o aluno. “Estou indo muito bem. Meu negócio cresceu, tenho muitos empregados, meu nível financeiro é excelente.”

A conversa migrou para outros assuntos. Em poucos minutos, o rabino perguntou novamente: “O que você está fazendo?”

Parecia estranho o rabino repetir aquela pergunta; talvez ele tivesse se esquecido da resposta.

“Eu estou bem, obrigado”, respondeu o aluno pela segunda vez. “Tenho uma bela família, uma esposa adorável e bons filhos.”

Novamente a conversa tomou rumos diferentes e o rabino tornou a perguntar: “O que você está fazendo?”

Desta vez, o aluno não se conteve. “Rabi”, protestou ele, “o senhor já me fez essa mesma pergunta três vezes!”

“É, eu sei”, disse o rabino em tom agradável. “Perguntei três vezes, mas você não respondeu a pergunta nenhuma vez. Eu perguntei o que você está fazendo e você me falou da sua prosperidade, da sua família. Isso não é o que você está fazendo. Isso é o que Deus está fazendo. Eu perguntei o que você está fazendo. O que você tem realizado pela sua gente? Agora, me diga, meu filho: o que você está *fazendo* nesse sentido?”